

O encanto CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS de Natal

COAUTORES

ANDRÉ LUIZ MARTINS DE ALMEIDA

CARLOS A. ANICETO

ELAINE DOS SANTOS

GERALDO MAGELA DE FARIA

PAULA GIBBERT

PEDRO RICATTO

REJANE LUCI

ROBERTO SCHIMA

SELMA REIS

WANDA ROP

ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

selo

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

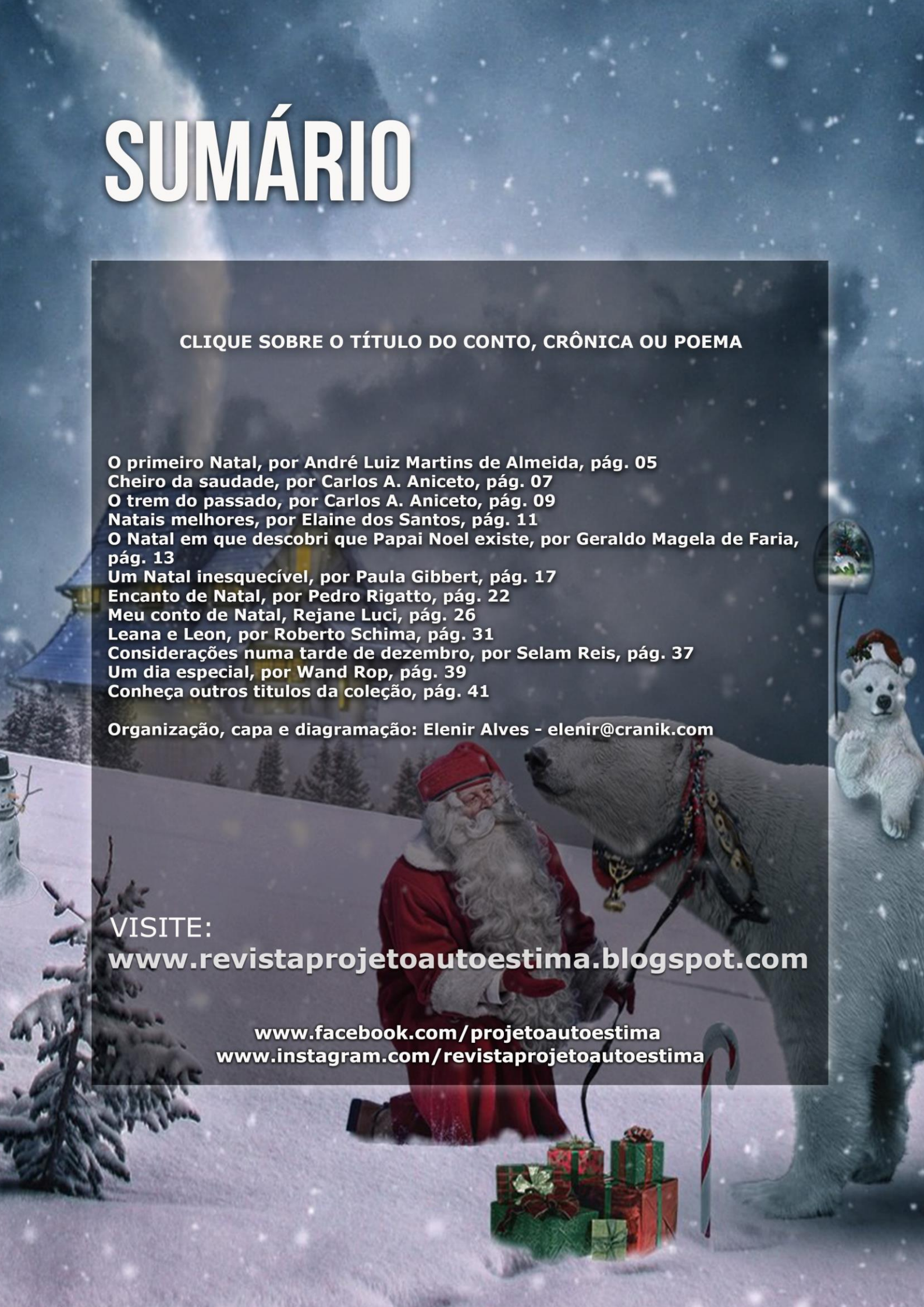
CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO, CRÔNICA OU POEMA

- O primeiro Natal, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 05**
- Cheiro da saudade, por Carlos A. Aniceto, pág. 07**
- O trem do passado, por Carlos A. Aniceto, pág. 09**
- Natais melhores, por Elaine dos Santos, pág. 11**
- O Natal em que descobri que Papai Noel existe, por Geraldo Magela de Faria, pág. 13**
- Um Natal inesquecível, por Paula Gibbert, pág. 17**
- Encanto de Natal, por Pedro Rigatto, pág. 22**
- Meu conto de Natal, Rejane Luci, pág. 26**
- Leana e Leon, por Roberto Schima, pág. 31**
- Considerações numa tarde de dezembro, por Selam Reis, pág. 37**
- Um dia especial, por Wand Rop, pág. 39**
- Conheça outros títulos da coleção, pág. 41**

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:
www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima
www.instagram.com/revistaprojetoautoestima





"Bendita seja a data que une a todo mundo numa conspiração de amor."

— Hamilton Wright Mabi



APRESENTAMOS O POEMA
O PRIMEIRO NATAL

Por André Luiz Martins de Almeida

André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo", pela Drago Editorial em 2019.

Pesquise na Bíblia, a fonte confiável de informações.

Outros locais podem ajudar, mas possuem deformações.

O primeiro Natal tem um significado importante em nossas formações!

O Natal tornou-se uma festa cheia de simbolismo,

Que foram adaptados e se fazem presente no capitalismo,

Mas seu sentido real, ainda está presente com seu populismo.

O primeiro Natal é o nascimento do Salvador como relato,

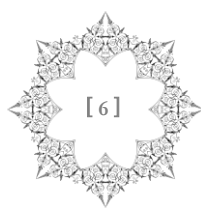
Registrado nos livros da Bíblia como foi ocorrido o fato,

E todos os elementos possíveis, que presenciaram o ato.

Marcou a humanidade com o poder e a Esperança.

O primeiro Natal demonstrou, que Deus preza nossa segurança,

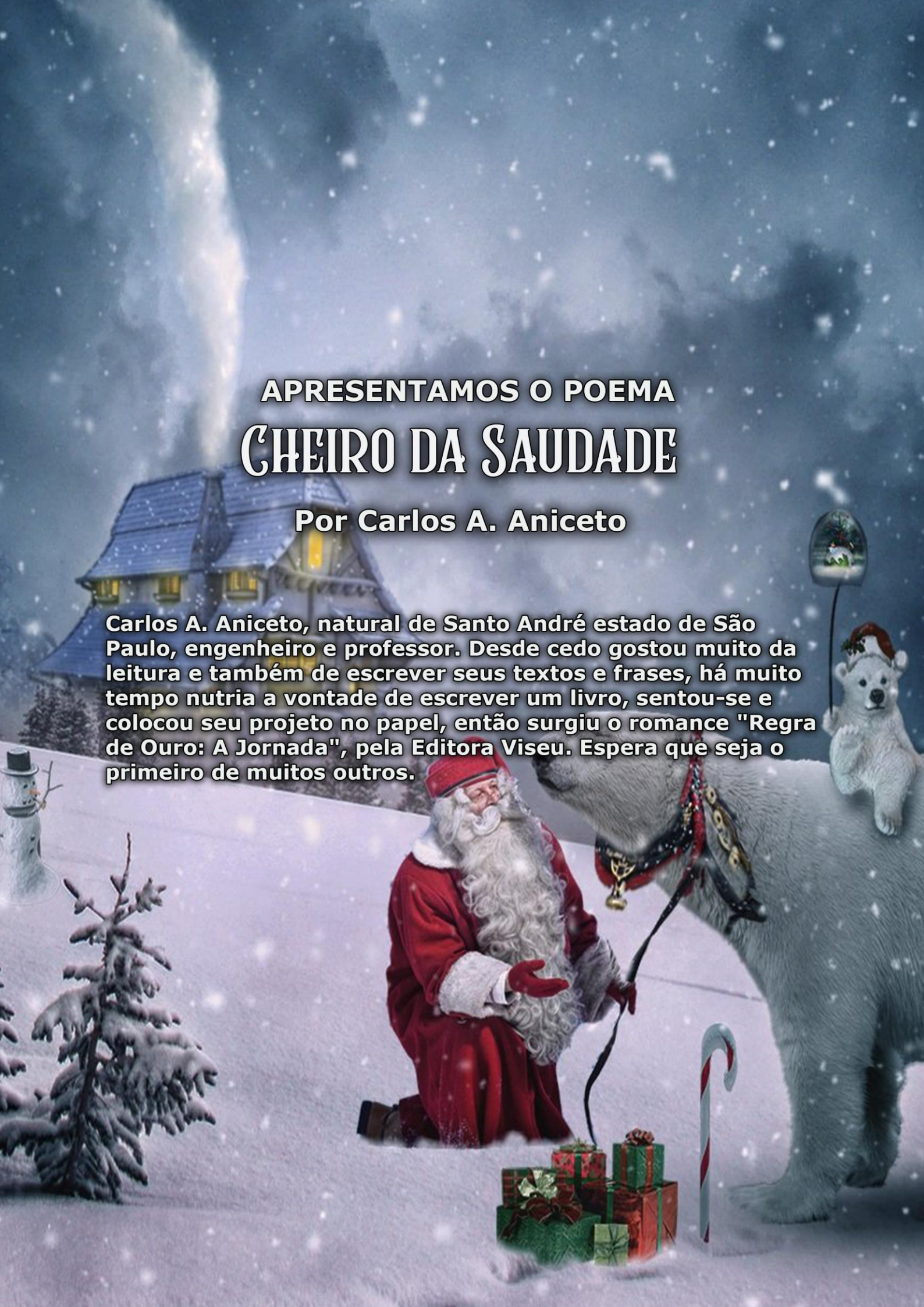
Pois enviou o seu filho unigênito, como Salvador, dar amor e liderança.



APRESENTAMOS O POEMA
CHEIRO DA SAUDADE

Por Carlos A. Aniceto

Carlos A. Aniceto, natural de Santo André estado de São Paulo, engenheiro e professor. Desde cedo gostou muito da leitura e também de escrever seus textos e frases, há muito tempo nutria a vontade de escrever um livro, sentou-se e colocou seu projeto no papel, então surgiu o romance "Regra de Ouro: A Jornada", pela Editora Viseu. Espera que seja o primeiro de muitos outros.



Quem sabe a saudade não seja apenas um simples sentimento?

Pois ela teima em não querer ir embora do nosso pensamento

Quem sabe a saudade seja como uma colcha de remendos

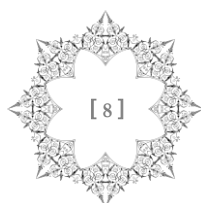
De belos momentos que durante a nossa vida vivemos

Quem sabe a saudade não tenha cheiro, e por isso não a esquecemos?

Cheiro de café fresco, ou da chuva sobre a poeira dos terrenos

Cheiros que as vezes doem, nos deixando em fragmentos

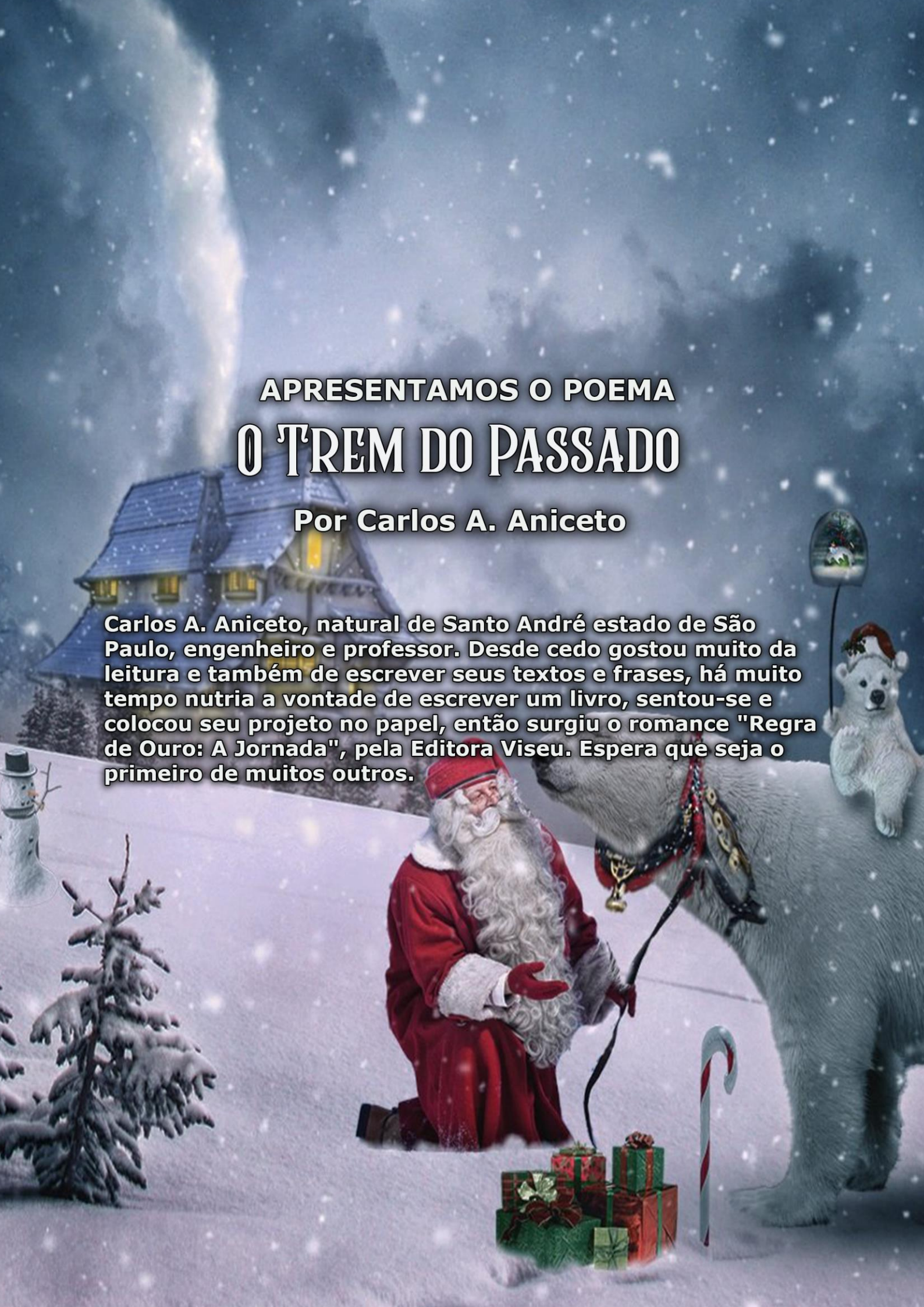
Pois sabemos que para àquele tempo nunca mais voltaremos



APRESENTAMOS O POEMA
O TREM DO PASSADO

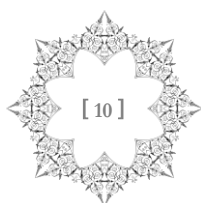
Por Carlos A. Aniceto

Carlos A. Aniceto, natural de Santo André estado de São Paulo, engenheiro e professor. Desde cedo gostou muito da leitura e também de escrever seus textos e frases, há muito tempo nutria a vontade de escrever um livro, sentou-se e colocou seu projeto no papel, então surgiu o romance "Regra de Ouro: A Jornada", pela Editora Viseu. Espera que seja o primeiro de muitos outros.



Sonhos e saudades transportados sobre os trilhos e vagões
Quantas tristes ou lindas histórias podem contar estas estações
O trem vai cortando o sertão, cheio de esperanças em um dia voltar
E novamente as belezas dessa terra maravilha poder contemplar

Assim partiu o trem da vida, quem sabe à nossa última estação alcançar
Aproveite ao máximo sua viagem, para cantar, viver, sonhar e amar
Lá vai o trem do sertão, por entre montanhas, cortando vales e rincões
E ficamos aguardando que os trens voltem novamente aos sertões





APRESENTAMOS A CRÔNICA
NATAIS MELHORES

Por Elaine dos Santos

Professora doutora em Letras, aposentada. Ministrou aulas no ensino médio e ensino superior. Revisora de textos acadêmicos. Autora do livro "Entre lágrimas e risos: as representações do melodrama no teatro mambembe" (2019). Membro da Alpas 21 Academia Literária de Cruz Alta/RS e da Academia Internacional União Cultura de Taubaté/SP. Participa de antologias nacionais e internacionais.

Os Natais de antigamente eram melhores. Não, não eram! Nós éramos mais ingênuos e nossos pais e avós faziam-nos (nós e os Natais) melhores. Nós acreditávamos na figura mágica do Papai Noel – e eu tinha medo daquela figura vermelha, mesmo que, por baixo daquela roupa, soubesse quem estava e era uma figura divertida, amável, sorridente de todos os dias.

Nós acreditávamos em presentes gratuitos, em ausência de esforços financeiros para que os nossos sonhos fossem concretizados e, ao ver a alegria dos nossos pais diante da nossa alegria, nem imaginávamos que ali havia um esforço para satisfazer os nossos desejos.

Nós acreditávamos e confiávamos na força da amizade, do companheirismo, do amor e até ousávamos crer que tudo seria para sempre – sem cair no velho chavão -, não sabíamos que o para sempre, sempre acaba.

Piscamos e o calor não combinava mais com Papai Noel. Demandar presentes equivalia a comprar os nossos presentes e presentear quem queríamos bem. Piscamos e descobrimos muito mais sobre Natal.

Natal é família reunida – quando há família para reunir. Mas família que se ama, com quem se sente prazer de compartilhar as horas e as histórias.

Natal é celebração, celebração da vida do Salvador, celebração das nossas vidas – das nossas vidas e das vidas daqueles que amamos.

Natal é acreditar e ter fé – fé em dias melhores, em seres humanos melhores. Natal é crer que a força da fé possa nos fazer melhores.

Natal é também saudade. Saudade dos que amamos, dos abraços que não voltam mais, da partilha do pão que não se faz mais. Sempre faltaram abraços, mas hoje eles nos fazem mais falta, são os nossos abraços e eis que o Natal ganha encanto por isso: pelo amor que irradia, pelas lembranças que evoca, pelas histórias que permite contar, pela fé em dias melhores, pela crença que podemos ser melhores. É no Natal que nos tornamos melhores, calcados no exemplo do Filho de Deus, sonhamos com um mundo mais justo, digno, fraterno.



APRESENTAMOS O CONTO
O NATAL EM QUE DESCOBRI QUE PAPAI NOEL EXISTE

Por Geraldo Magela de Faria

Bancário aposentado, formado em Letras, reside em Belo Horizonte (MG).



Natal é uma época marcante para as crianças. Desde cedo, já em novembro, inicia-se aquele clima gostoso, e a magia vai tomando conta de todos. A decoração nas portas das casas, árvores com bolas coloridas, ouvir Jingle Bells quase à exaustão, as publicidades provocando o sonho dos pequenos: a boneca desejada, a bola de futebol, com tamanhos distintos e crescentes, de 0 a 5, que aumentavam à medida que os garotos cresciam.

O ano, provavelmente, 1958. Meu sonho era o de ter uma bicicleta. Pequena, de acordo com minha idade. Foram noites e noites de sonho, de comentários com os amigos e com a família, tudo como manda a rotina dos dias que antecedem a maior festa do ano. Não sabia ainda escrever a famosa carta a Papai Noel, mas tive várias conversas com o Bom Velhinho na tentativa de convencê-lo. Afinal, se dependesse de bom comportamento, era certo que seria atendido, pois sempre fui educado, obediente e respeitoso para com todos.

A cada dia que se aproximava da data, mais a ansiedade tomava conta de mim. A ansiedade das crianças é pura, como quase tudo que constitui o universo infantil. É sonhar, esperar, e pronto, quase nada depende dela.

À medida que a ansiedade crescia, a cidade também se embelezava mais e mais. Algo que me marcava nos natais era um pequeno carro com alto-falante que corria as ruas da cidade, geralmente à tarde, anunciando ofertas do comércio local. Nos intervalos, colocava-se o disco de Poly e seu conjunto, com músicas instrumentais de grande sucesso na época. Lembro-me bem das clássicas “Moendo café” e “Quando setembro vier” e, de vez em quando, sem mais nem porquê, me vêm à lembrança o carro percorrendo os paralelepípedos da Rua Direita, a música tocando, e meu coração se entenece como se, de repente, eu me deslocasse para aquele cenário e me tornasse, de novo, um menino de calças curtas e sonhos um pouco mais longos.

Outra diversão: acompanhar o presépio da casa de minha avó materna, feito com simplicidade, mas com muito amor e criatividade. Se o nascimento do Menino Deus nos traz uma bela lição de humildade, o presépio da pequena e modesta casa também nos

ensinava a valorizar o simples da vida que pode nos propiciar belos momentos. Era tão bom ver a gruta e a manjedoura à espera do Menino Deus. Animais espalhados pela relva, um pequeno espelho fazendo as vezes de lago, e, todos os dias, minha avó ou minha tia colocava as pequenas imagens dos Reis Magos em seus cavalos um pouco mais à frente, como se estivessem prosseguindo na caminhada. E, ao alto, a estrela guia.

Certamente, no Dia de Reis, quando se desfazia o presépio, ficaria nas duas a tristeza de retirar as peças, mas, ao mesmo tempo, o desejo de refazer tudo no fim do ano. E, certamente, o pedido ao Senhor para que chegassem até lá.

Na ânsia da espera, eu fazia questão de tirar as folhas numeradas no calendário da parede e de pedir a alguém para conferir na folhinha Mariana (o nome se deve ao fato de ser impressa pela Arquidiocese da tradicional cidade mineira). O calendário era muito usado naquela época, e assinalava a previsão do tempo para o ano inteiro; para mim, era importante saber se não haveria chuva no dia 25, para que eu pudesse exibir meu presente.

Afinal, a véspera do grande dia chegou. Fui mais cedo para a cama. Tive dificuldade em dormir, mas acabei cedendo ao sono e sonhando, mais uma vez, com o presente.

Na manhã seguinte, ao me levantar, fui correndo até a sala e ... ela estava lá! Esfreguei os olhos para confirmar se era verdade. E era! Lá estava ela, o meu sonho, de cor verde, toda minha. Não demorei a sair para mostrar aos amigos.

Foi quando um dos meninos olhou bem para ela e disse: “Essa bicicleta já foi minha”! E repetiu.

Confesso que, na reação do momento, tive um misto de dúvida e decepção. Mas, estava tão apaixonado com ela, que fui brincar.

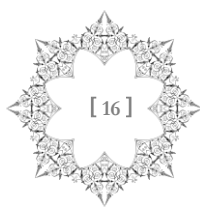
No outro dia, os mesmos colegas de brincadeiras. Só que o garoto não falou mais nada, certamente orientado pelos pais. E, com o passar dos dias, acabei chegando à conclusão de que Papai Noel existia mesmo. Não aquele velhinho simpático, vestido de vermelho, com trenó puxado por renas. Mas, sim, aquele senhor sério, que trabalhava todos os dias

para sustentar a família. E com a ajuda de Mamãe Noel, que cuidava da casa e fazia trabalhos de crochê para fora. O que, além de ajudar meu pai, ainda lhe trazia o prazer de receber elogios pelos seus trabalhos.

Não contei nada a meu irmão, quatro anos mais novo, que ainda curtiu uns três natais.

Só que ele sonhava, fantasiava, se iludia.

Já eu... tinha certeza absoluta!





APRESENTAMOS O CONTO
UM NATAL INESQUECÍVEL

Por Paula Gibbert

Paula Gibbert, paranaense, casada, dois filhos, formada em Letras, trabalhando como professora em Santa Carmem no Mato Grosso há vinte e nove anos.

Leitora ávida e blogueira literária nas horas vagas, aspirante a escritora. Seu gênero de escrita atual é o conto. Alguns textos publicados: um artigo científico sobre a leitura, uma resenha, um conto, uma poesia e um relato de viagem. Gosta muito de viajar. Seu sonho é conhecer a Alemanha.

É Natal! Sim, é Natal e cá estou eu, no Paraná, sozinho, para comemorar essa data tão...tão... família.

Meus pais viajaram para a Europa porque querem sentir a magia do Natal na Alemanha e ver o Papai Noel distribuindo os presentes em um trenó sendo arrastado pela neve por algumas renas (como mostram nos filmes); meu irmão mudou-se para o Recife e minha mulher me deixou há três meses. Sendo assim, estou literalmente sozinho.

Com ‘sozinho’ quero dizer que minha família não vai estar aqui comigo. Até o ano passado, tínhamos comemorado essa data sempre juntos. Porém, os planos para o meu Natal deste ano já começaram há alguns meses e aposto que vai ser muito especial.

Ofereci-me na casa paroquial da igreja que frequento para ser um dos Papais Noéis na noite de Natal. Vamos sair de caminhonete (Que pena não poder ser um trenó!) e distribuir os presentes de Natal para as crianças carentes da cidade.

A equipe da coordenação paroquial adaptou um projeto dos correios: vamos arrecadar presentes de Natal para a criançada junto aos empresários. Houve uma campanha para que as crianças escrevessem cartas para o Papai Noel pedindo que presentes queriam ganhar as quais deveriam ser entregues na secretaria da igreja. Lá, todas seriam lidas e providenciariamos os presentes. Cada presente seria empacotado já com nome e endereço da criança que o receberia.

O trabalho foi intenso, pois recebemos muitas cartinhas. A maioria das crianças pedia brinquedos. Foram mais de 80 bonecas, 92 bolas, 16 pares de patins, 8 skates, 16 bicicletas, 128 carrinhos (alguns de controle remoto), kits com blocos de montar, quebra-cabeças com figuras dos desenhos animados, livros de literatura infantil, ursinhos de pelúcia, chocolates, entre outros.

Alguns pedidos nos surpreenderam muito.

Uma menina negra de oito anos pedia uma boneca da sua cor. Como poderia chamar de ‘filhinha’, uma boneca branca? Sua autoestima era altíssima. Disse que se achava linda e que, quando crescesse, seria presidente do Brasil.

Uma menina de dez anos pedia uma árvore de Natal e as figuras de um presépio para montar em sua casa. Queria a árvore já com todos os enfeites: bolas brilhantes de

tamanhos variados, festões coloridos e um pisca-pisca com luzes coloridas, pois eram coisas que ela poderia guardar para usar novamente nos anos seguintes. Disse, na sua cartinha, que tinha visto isso em uma loja e pensava que não seria mais natal na sua casa se não tivesse um cantinho com esses enfeites.

Um menino que sofrera um acidente aos dois anos de idade e perdera uma das pernas pedia uma prótese para poder andar sozinho novamente. Sonhava em chegar andando na escola sozinho. Disse que estava ficando pesado para ser carregado pela mãe e que ela sempre se atrasava para o trabalho por ter de levá-lo para lá primeiro.

Um menino de doze anos pedia um par de chuteiras porque queria ser um jogador de futebol de campo, mas por ter de jogar descalço com os amigos no campinho do bairro, já arrancara a unha do dedão do pé por três vezes. Sendo assim, como poderia se destacar se ficava sempre um bom tempo sem jogar?

Muitas crianças pediam roupas e calçados para poderem ir bem-vestidas para a igreja na missa de Natal e os pais não tinham dinheiro para isso. Outras pediam que pudessem ter uma ceia de Natal com a mesa farta naquele ano.

Uma carta recebida foi escrita pelo pai de gêmeas cuja mãe as tinha abandonado com ele. Esse pai pedia humildemente um carrinho duplo de bebê para que pudesse levá-las à igreja aos domingos, para creche quando ia trabalhar e para onde mais precisasse.

Um menino que morava na rua mandou a carta que fez chorar a todos os que estavam presentes na hora da leitura: ele disse que sua mãe havia morrido em um acidente de trânsito quando ele tinha oito anos. Desde então, uma mulher que também morava na rua, ajudava-o a mendigar para ter como matar sua fome e sua sede. Ele pedia para ser adotado.

E a carta com o pedido mais desesperador foi o de uma menina franzina de onze anos que passava facilmente por uma de nove. Ela pedia para ir morar com o Papai Noel porque não aguentava mais ‘os carinhos do papai’ em sua casa.

Fizemos por essas crianças tudo o que estava ao nosso alcance. Os brinquedos foram muito fáceis de conseguir. O par de chuteiras, as roupas, a árvore de Natal e o presépio, o carrinho duplo de bebê e outras coisas que não eram brinquedos conseguimos

com os comerciantes do bairro onde cada uma morava. A prótese conseguimos com um médico da cidade.

Entretanto, o que nos deixava de coração partido eram a menina que sofria violência sexual em casa e o menino que queria ser adotado para sair das ruas. Como resolver isso?

Fomos ao endereço da menina que era molestada pelo pai num horário em que julgávamos que ele estivesse no serviço, mas ele estava em casa. Expulsou-nos de lá aos berros dizendo que os problemas da sua família era ele mesmo quem resolvia.

Continuamos a investigação e ficamos sabendo que o pai era guarda-noturno. Sendo assim, num outro dia, fomos visitá-la de noite. Ela nos recebeu com um olhar desolador e, meio ressabiada, nos contou como tudo acontecia: a mãe tinha sofrido um AVC e, desde então, o pai a forçava a ter relações com ele. A mocinha não podia sair dali porque cuidava da mãe que via tudo acontecer; tinha ficado com um lado do corpo paralisado e perdera a fala. Seu olhar era mais triste que o da filha.

Entramos em contato com o conselho tutelar e com a polícia. A mãe e a filha foram acolhidas em um abrigo. O caso está sendo tratado pela justiça, mas ficamos muito preocupados com a adolescente e com sua mãe porque, num caso desses, é bastante comum o homem ficar violento exigindo seus ‘direitos’. Ela ainda não teria o Natal dos seus sonhos, mas tinha tido coragem de dar o primeiro passo, mandando a cartinha para o Papai Noel. Seu presente era a expectativa do distanciamento definitivo e nós, da coordenação paroquial, continuaríamos acompanhando o caso de perto dando apoio moral e financeiro para as duas.

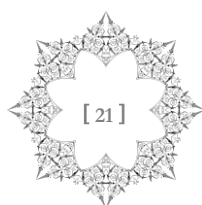
O caso do menino que queria ser adotado foi encaminhado para o abrigo da cidade. No local, ficamos sabendo que o menino já tinha estado lá por um tempo, mas não se adaptara. Dizia que sofria muito bullying e acabava voltando para as ruas novamente. Isso já acontecera por três vezes. Já tinha sido investigada sua paternidade, porém do seu pai, o garoto só sabia o primeiro nome. Não conhecia nenhum parente e, a mulher que lhe dava um pouco de atenção e comida quando ele não conseguia nenhum

trocado em sua mendicância, já tinha três crianças para cuidar. Ele se sentia um fardo para ela.

A coordenação cogitou levá-lo para uma casa de abrigo na capital. Talvez lá, ele conseguisse conviver com os demais até ser adotado. Entretanto, estávamos cientes que a adoção dificilmente ocorre quando a criança tem mais de cinco anos e Carlinhos já tinha nove. Começamos a ajudar o menino bem como outros moradores de rua do local onde eles costumavam ficar com cestas básicas e roupas.

O olhar de expectativa desse menino começou a povoar os meus sonhos e, depois de duas semanas rolando na cama sem conseguir dormir direito; depois de muitas conversas com meus pais e meu irmão, com o juiz e com pessoas do orfanato, tomei uma resolução. As providências foram tomadas e, dois dias antes do Natal, o menino já estava sob a minha guarda.

Na véspera de Natal, ele foi comigo, entregar os presentes que tínhamos preparado. Foi um Natal inesquecível.

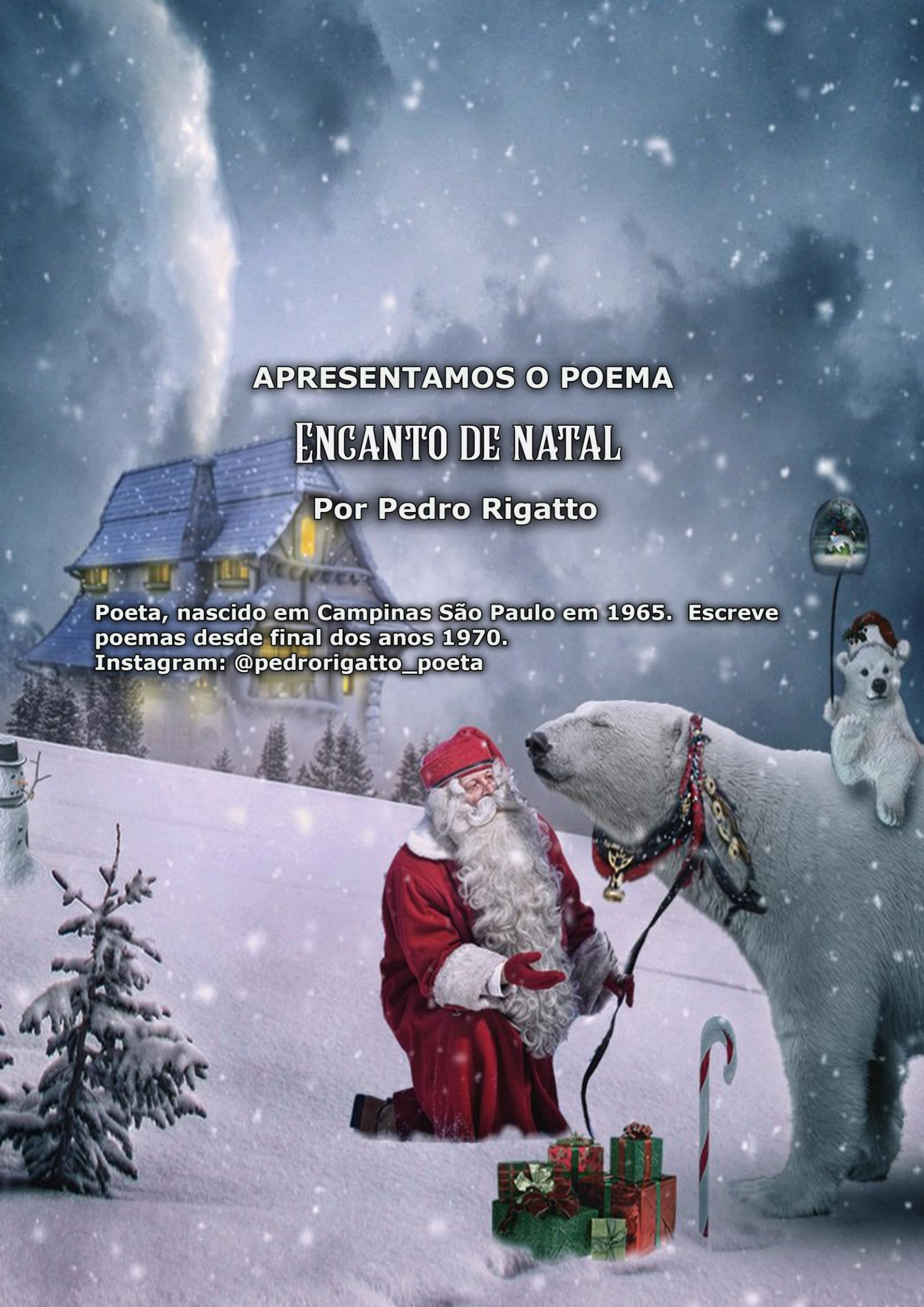


APRESENTAMOS O POEMA

ENCANTO DE NATAL

Por Pedro Rigatto

**Poeta, nascido em Campinas São Paulo em 1965. Escreve poemas desde final dos anos 1970.
Instagram: @pedrorigatto_poeta**



Natal.

Coração, alegria.

Expectativa.

Para chegar o dia.

Monta-se árvore natalina.

Decora-se a casa.

Luzes pisca-pisca na árvore.

Adrenalina.

Esperar o dia.

Tão desejado.

Qual presente vou ganhar.

Qual presente,

Papai Noel vai me dar?

Chega-se o dia.

Para as renas, corto capim.

Chega-se a noite.

Ceia de natal.

Aguardo seu fim.

Papai Noel vai demorar?

Pergunto a mim,

Já cansado de esperar.

Mas não tem jeito.

O sono mais rápido,

Veio me buscar.

Durmo...

Acordo e pulo da cama.

Coração em chama.

Papai Noel não vi chegar.

Será que não veio?

Olho o capim.

Já não está mais ali.

Deram um fim.

As renas comeram tudo.

Saio correndo,

Para a árvore de natal.

Olho, meu coração transborda.

Embrulhos, encontro lá.

Meu papai e mamãe a me esperar.

Mostrando-me,

Meus presentes de natal.

Que legal.

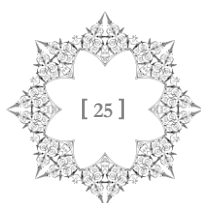
Papai Noel veio me presentear.

Feliz, mais um natal vou ficar.

Agora só esperar.

Aguardar,

Mais um natal chegar.

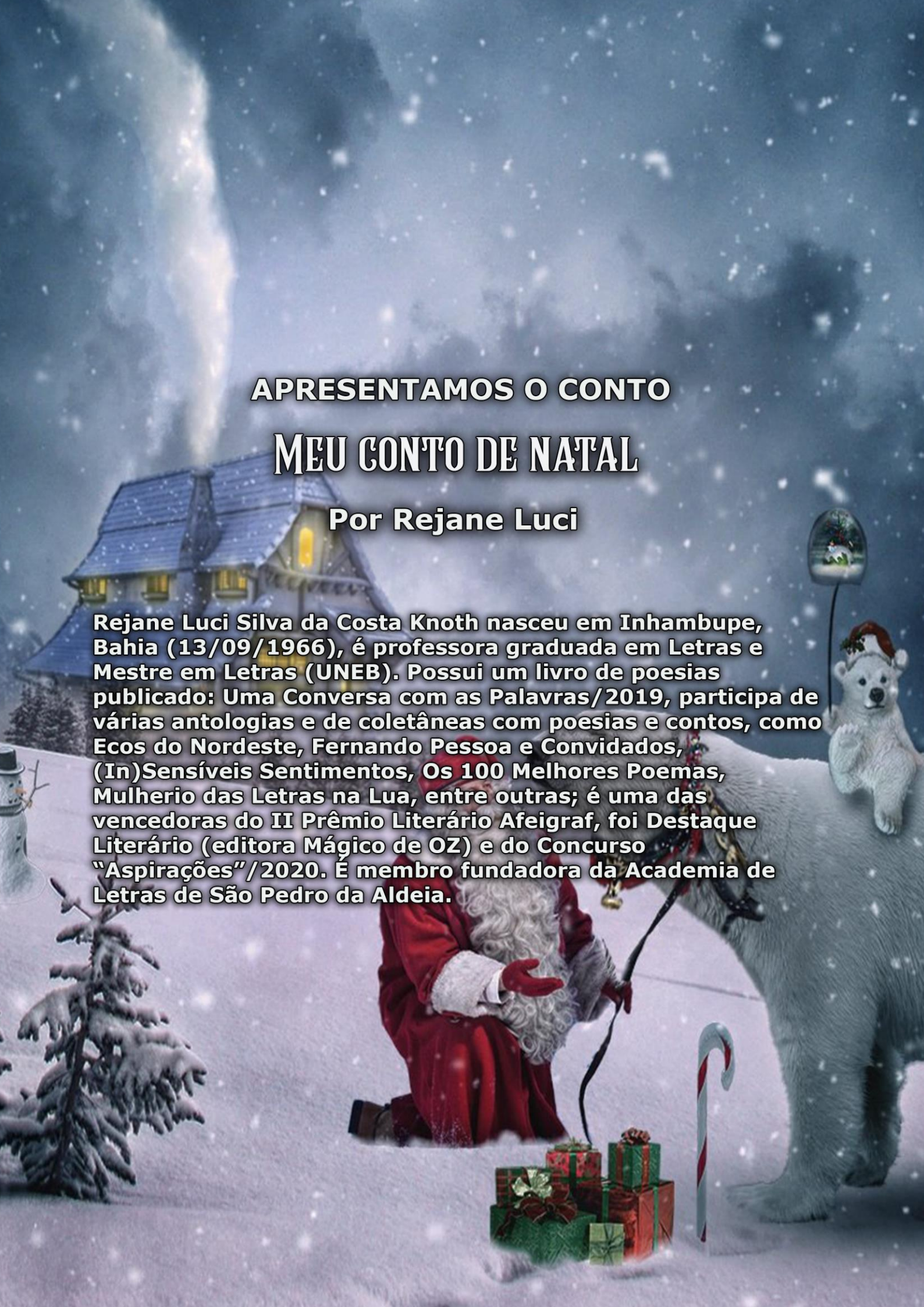


APRESENTAMOS O CONTO

MEU CONTO DE NATAL

Por Rejane Luci

Rejane Luci Silva da Costa Knoth nasceu em Inhambupe, Bahia (13/09/1966), é professora graduada em Letras e Mestre em Letras (UNEB). Possui um livro de poesias publicado: Uma Conversa com as Palavras/2019, participa de várias antologias e de coletâneas com poesias e contos, como Ecos do Nordeste, Fernando Pessoa e Convidados, (In)Sensíveis Sentimentos, Os 100 Melhores Poemas, Mulherio das Letras na Lua, entre outras; é uma das vencedoras do II Prêmio Literário Afeigraf, foi Destaque Literário (editora Mágico de OZ) e do Concurso "Aspirações"/2020. É membro fundadora da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia.



Quando eu era menino, aguardava a chegada do mês de dezembro com muita ansiedade. Não só porque estaria de férias da escola, mas também, e principalmente, porque era época do Natal.

As férias permitiam realizar muitas coisas que durante as aulas não podia fazer, como: dormir e acordar mais tarde, assistir aos programas preferidos na TV livremente, jogar bola na rua e andar de bicicleta todas os dias com os amigos, entre outras coisas bacanas, mas o Natal... ah, o Natal! Como era aguardado...!

À medida que ele se aproximava, minha percepção de criança via momentos diferentes e incríveis acontecendo! Logo no início do mês de dezembro, tudo de transformava! As pessoas, os espaços, as cores, as relações...

No tocante às pessoas, parecia que o humor, a disposição, o estado de espírito delas mudava. Eu tinha a impressão que ficavam mais bem-humoradas, animadas; umas transmitiam às outras mais alegria, mais atenção, tornavam-se mais solidárias. Não sei se elas eram sempre assim ou eu que as percebia de outra forma durante a expectativa da chegada do Natal.

A cidade onde eu morava era enfeitada com belas alegorias natalinas; na praça central, eram colocados pinheiros de Natal, faixas, fitas, assim como luzinhas coloridas que eram postas nas árvores e postes públicos, o que davam um brilho magnífico ao lugar; uma marca que eu adorava, era ouvir as músicas temáticas que tocavam no serviço de som da cidade que podiam ser ouvidas por diversas ruas, e tinha o que eu mais apreciava: ver o Papai Noel! Tinha de vários formas e tamanhos... *Que presente ele ia me dar?* Eu pensava...

A igreja matriz abria as portas em horários incomuns tanto para a visitação de um belíssimo presépio representando o nascimento do Menino Jesus, como também para a celebração de missas lotadas de fiéis; após o final do rito espiritual, as pessoas ocupavam a praça central para encontrar e conversar com os amigos e conhecidos, passear, comer guloseimas típicas ou iam para outro espaço, outra praça, onde era instalado um parque de diversões, o que era uma verdadeira farra para as crianças como eu!

Vale ressaltar que minha infância fora recheada de momentos marcantes, entretanto os natais incríveis que vivenciei são inesquecíveis! Meus pais se esmeravam em trazer para nós, eu e meus cinco irmãos, o melhor, tanto na ornamentação da casa como nas comidas típicas da época, tudo isso dentro das possibilidades que tínhamos como uma família de classe média.

Então, nossa casa ficava linda, toda decorada! Logo no portão de entrada, era exposta uma faixa de FELIZ NATAL, na porta de entrada era pendurada uma belíssima guirlanda, convidando o espírito natalino a entrar; pelo corredor havia metros e metros de festão de várias cores na parede até chegar a sala principal; num canto deste ambiente era colocado um presépio, que nós, crianças, não podíamos “triscar”, apenas observar, admirar...

Em cima dos móveis havia imagens de Papais Noéis, velas e outras decorações relacionadas ao tema natalino. Próximo ao presépio, estava o pinheiro, geralmente verde; no lugar mais alto da árvore de Natal, havia uma grande estrela, representando a estrela de Belém; por toda árvore, diversos enfeites como bolas de muitas cores, sinos, festão, abaixo do pinheiro ficavam os presentes... Ah, os presentes! Como eram desejados...

Tudo isso anunciava o tempo que começávamos a viver.

Uma história que marcava aqueles dias, era o fato de que o pisca-pisca, acessório fundamental para a árvore de Natal, sempre causava problemas, visto que era guardado de um ano para um outro. E era certeza que uma daquelas luzinhas não acenderia e o pisca-pisca inteiro não funcionava. Era uma agonia! Todos se envolviam para tentar resolver o problema, pois seu uso era essencial e, geralmente, só havia um pisca; não era como nos dias atuais que se compra um acessório desse em qualquer loja e por um preço acessível a todos. No meu tempo de menino, eles eram relíquias! Era uma luta para fazê-lo funcionar, mas sempre dava certo no final.

Algumas emoções e sensações geradas por alguns fatos daquela época, guardo até hoje na memória; uma delas eram as visitas que fazíamos às casas dos vizinhos, amigos e conhecidos para apreciar os presépios que eram verdadeiras obras de arte; outra coisa

maravilhosa eram os lanches e comidas servidos por onde íamos, eram sempre deliciosos, na minha casa o queijo cuia, uma iguaria que só comíamos na época natalina e o pudim mármore com cobertura de goiabada são lembranças que geram memórias afetivas que marcaram minha infância.

Outro fato que só passei a compreender bem depois, eram as sondagens feitas por nossos pais durante os almoços ou jantares sobre os presentes que pretendíamos receber na tão aguardada noite de Natal, eles diziam que contariam ao Papai Noel quais eram as nossas opções. Eram momentos que extrema tensão para nós crianças que sonhávamos em ganhar um mimo do “bom velhinho”.

Todavia, não sabia que o Natal de 1980 seria deveras marcante para mim. Todos os ingredientes natalinos estavam presentes neste ano, no entanto, eu não sabia que um deles, o mais importante, não voltaria a participar daqueles momentos tão especiais.

Nossa noite de Natal, especificamente o dia 24 de dezembro, era sempre da mesma forma: a ceia era servida, comíamos rapidamente e íamos dormir para esperar que na manhã seguinte, nos pés da cama, estivesse o presente tão almejado colocado pelo Papai Noel.

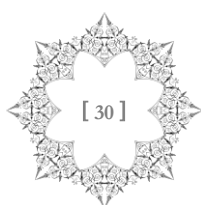
Nesse ano, eu e meus irmãos decidimos que íamos ver o “bom velhinho” colocar nossos presentes; então, deitamos e fizemos o possível para não pegar no sono... Como dormia no mesmo quarto eu e mais dois irmãos, ficamos conversando baixinho e atentos a qualquer barulho... se alguém cochilava, outro mais atento chamava. E foi assim até não sei que horas... Só sei que esperamos e não conseguimos ver nosso Papai Noel... Acabamos dormindo! No outro dia, lá estavam os presentes e foi aquela felicidade!

Nos anos seguintes, não precisamos mais que esperar nosso Papai Noel, porque sabíamos que ele não vinha; em 1981, ele virou uma estrela e foi brilhar no céu!

Atualmente, ainda gosto de esperar dezembro para ver o Natal chegar, ainda acho que as pessoas ficam mais felizes legais nessa época, a cidade onde nasci e vivi minha

infância ainda é enfeitada, ainda há as missas, presépios, ainda há as comidas deliciosas de Natal, ainda existe o Papai Noel...

Hoje, sinto o Natal com a emoção de quem o viveu plenamente e ainda busca vivê-lo. Também entendo que foi melhor não ver o “bom velhinho” colocar meu presente e de meus irmãos naquela noite, mesmo que pela última vez, pois isso me estimulou a fomentar o encanto do Natal e a magia do Papai Noel para meus filhos.

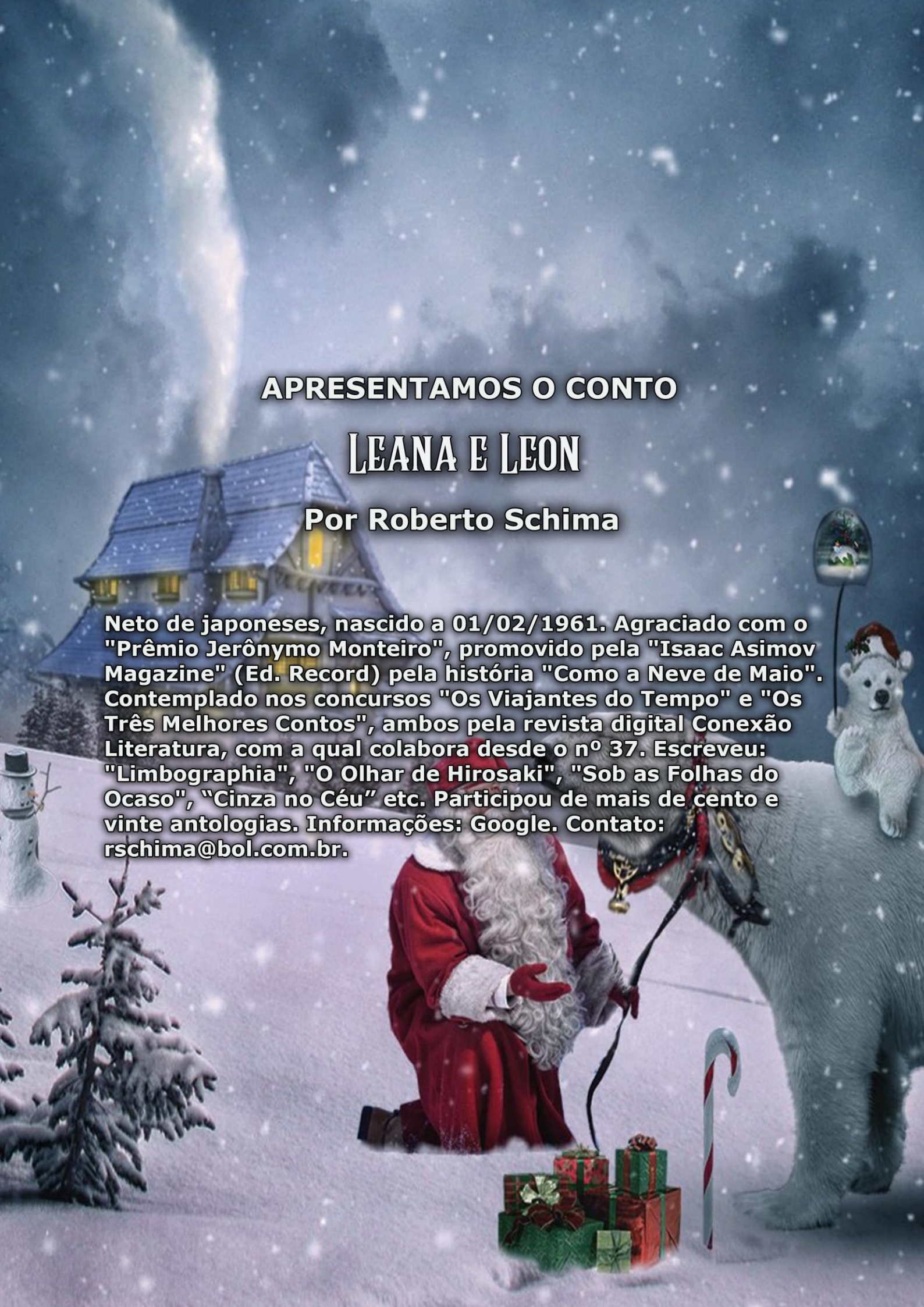


APRESENTAMOS O CONTO

LEANA E LEON

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cento e vinte antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.



Neve.
Londres.
Dezembro.

Nome: Leana.

Origem: Rússia.

Era uma jovem de vinte e seis anos, oriunda da longínqua taiga siberiana. Tinha o rosto alongado, os olhos verdes e cabelos castanhos que caíam até a cintura, não fosse o gorro de lã e o casaco. Uma típica beleza eslava que só não se fazia notar devido aos trajes de inverno. As agruras da vida também deixaram suas marcas, roubando-lhe várias coisas, especialmente o sorriso.

Leana saíra de sua amada terra natal como tantos outros à procura de melhores condições de vida. O cotidiano nunca fora fácil para os camponeses, seja pelas dificuldades de subsistência, seja pelas mãos dos líderes dos regimes pelos quais o povo passara, czares ou comunistas. Como único alento, as idas à Igreja Ortodoxa mais próxima onde encontravam nos cânticos e nas orações o alento que faltava.

Após inúmeros obstáculos, serviços temporários, assédios e perigos genuínos, Leana terminou num entardecer cinzento de fim de dezembro, na calçada de uma movimentada rua londrina, não muito distante da Ponte de Waterloo.

Flocos de neve caíam do céu. O vento soprava por entre ciprestes. Pessoas apressadas iam e vinham, animadas pela proximidade do Natal, carregando suas sacolas cheias de embrulhos coloridos. Riam na companhia de seus filhos, cônjuges ou amigos. Os olhos cintilavam como cintilavam as luzes a enfeitar as ruas, as árvores, as casas e as lojas. Todos estavam felizes diante da perspectiva dos próximos dias.

Exceto Leana.

Ela tiritava sob a neve.

Pensava no rigor do inverno.

Recordava-se de seu velho casebre.

Lembrou-se dos pais, os quais padeceram durante toda a vida entre o lamaçal e o *permafrost*. E assim pereceram, mal tendo com o que se sustentarem e aos filhos. Quanto

aos irmãos, dispersaram-se um a um. Leana, enquanto caçula, fora a última a emigrar após a morte dos pais. Londres não era uma meta preestabelecida. Fora o destino final que os acasos da vida a conduziram. Se na capital inglesa o frio não era tão severo quanto na Rússia, tão gelado era o coração das pessoas que ali encontrara. Oportunidades de emprego foram poucas por conta do seu Inglês rudimentar. Não raro, os patrões estavam mais interessados em dela aproveitar-se por conta de seus atributos físicos do que por sua capacidade de mão de obra.

Sem esperança e ao relento, Leana recordou-se dos tempos de criança, quando costumava participar do coral infantil na pequenina igreja de sua comunidade. Lá, atento a beleza de sua voz, o clérigo a colocara na primeira fila. Ela gostara de estar em meio às outras crianças, em meio ao calor da igreja e dos corações de seus compatriotas. Era alvo dos olhares carinhosos e todos cantavam e cantavam os hinos em louvor a algo maior do que a própria vida. Fora feliz, verdadeiramente feliz, conforme demonstrava seu sorriso perolado.

Agora, inúmeras vidas distante do passado, diante do frio penetrante e úmido do inverno inglês, desesperançada, recordando-se daquele tempo em que - assim como falavam sobre o Natal -, tudo era mágico e possível, Leana, na calçada, pôs-se a cantar. Imaginou-se novamente no interior de uma aconchegante igreja em vez do frio enregelante que, feito farpas, cutucavam a pele por baixo das roupas gastas e insuficientes. Esfregando as mãos, queixo batendo, sem saber que rumo tomar, apenas começou a cantar. A voz falhou muito a princípio, mas breve, movida por um calor interior, pela saudade de sua família, de sua terra, de uma época que jamais retornaria, inspirada pela época do ano, a antiga voz melodiosa saiu mais e mais afinada, notas conduzidas pela emoção a perder-se no vento e na escuridão que se aproximava.

As pessoas continuaram a passar indiferentes. No máximo, dirigiam um olhar de censura ou de desconfiança.

Mas não era para elas que Leana cantava.

Não obstante, entre os transeuntes, um deles estacou diante do timbre angelical e das palavras cantadas num idioma estrangeiro. Era um rapaz de nome Leon, também de

fora, vindo por caminhos diferentes de sua Marselha onde as águas do Mediterrâneo eram tépidas; e as pessoas, calorosas. Seus trajes não estavam melhores do que as roupas de Leana, igualmente puídos e inadequados ao frio que os açoitava. Assistiu a performance da moça. Ficou comovido. De algum jeito que somente as estrelas emergentes poderiam explicar, a canção fez com que pensasse num antigo Natal passado com os parentes no porto, quando a maior parte da família migrou para a América. Nunca mais os viu.

Leana ruborizou diante do olhar daquele estranho, mas prosseguiu a cantar.

Tiritando.

Esfregando as mãos.

Soprando névoas de vapor ao vento.

A figura da jovem fez Leon pensar numa história atribuída a Mozart segundo a qual, encontrando-se em estado de miséria, o genial compositor pusera-se a dançar freneticamente com a esposa. Não o fizera por causa de alguma comemoração, mas a fim de aquecerem-se perante o frio, pois sequer dinheiro para adquirir lenha para a lareira possuíam. Na pausa entre uma canção e outra, interrompeu-a:

— *Privet!.. Russkij?*

Surpresa diante de alguém falando russo, Leana confirmou:

— *Da. Otkuda Vy?*

Leon procurou as palavras no idioma da jovem.

— *Frantsiya! Ya nemnogo govoryu po-russki* — disse, esperançoso de ter pronunciado correto. — *Kak Vas zovut?*

— Leana.

— *Menya zovut Leon.*

Então, ciente de estar esgotando seu repertório de russo, Leon abriu o casaco. Do interior, tirou a única riqueza que possuía no mundo: um violino. E pôs-se a tocá-lo, acompanhando Leana. O francês a compreendia. A música cuidaria de aquecer seus corpos, assim como o fizera em relação às almas, apesar do inverno, da pobreza, da indiferença e da fome.

O som melodioso encheu o ar.

Surpreendentemente, alguns pedestres começaram a diminuir seus passos, a ouvir, a apreciar as canções que evocavam momentos alegres da infância de uma jovem imigrante. Evocavam recordações dos avós, dos jantares que podiam não ter sido tão fartos, mas que eram carregados de amor e união. Falavam de nostalgia, de melancolia, de esperança. E, embora não entendessem a letra, os ingleses compreenderam o tom de voz, a melodia, a melancolia do violino, o vento gelado que abatia-se sobre seus rostos. E começaram a contribuir com moedas para o casal, Leana e Leon, estranhos um ao outro, porém unidos pela adversidade ou pelo destino naquele país, naquela cidade, naquela rua, naquela calçada.

De repente, entre os que passavam e foram atraídos pela música, destacou-se um velho distinto, o Sr. Luan. Como os dois, ele também viera de outro lugar do mundo e, após uma vida inteira de labuta, conseguira alcançar a estabilidade. Montara uma loja de variedades, incluindo brinquedos e enfeites de Natal.

— Vocês não gostariam de trabalhar para mim? — falou em Inglês. — Podem tocar e cantar na minha loja. Lá é quentinho. Pago salário, alimentação e, se não tiverem onde ficar, disponibilizo a parte de cima, onde outros funcionários dormem também.

Leana e Leon não acreditaram nas palavras do homem. Era bom demais para ser verdade.

O Sr. Luan falou sobre sua história de dificuldades e que, por isso, sempre que podia, auxiliava aqueles que vinham do exterior.

— O senhor é como Papai Noel! — exclamou Leana em seu Inglês ruim, quase a chorar.

Ela e Leon aceitaram a proposta.

Com os dois, o interior da loja tornou-se mais emotivo. As vendas aumentaram. Leana e Leon conseguiram não somente um trabalho fixo, mas uma família, pois, passadas as festas, foram admitidos entre os demais empregados. O Sr. Luan mostrou-se um bom e querido patrão, um verdadeiro Papai Noel o ano inteiro, por vários anos.

Desnecessário dizer, porém, mencionando assim mesmo, Leana e Leon se apaixonaram e se casaram.

— *Ya lyublyu tebya!*

Sr. Luan foi padrinho, pai e tudo o mais que os dois poderiam desejar. Ele também ganhou uma família, solitário e sem parentes que era.

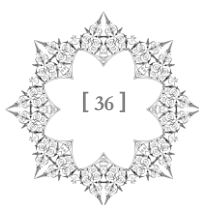
E tudo principiara na tristonha noite de dezembro, de uma saudade e da necessidade que o vento, a escuridão e a neve trouxeram através de terras longínquas. Uma noite na qual tudo de mágico parecera possível acontecer... E acontecera.

Leana, enfim, tornou a sorrir.

NOTA DO AUTOR:

A inspiração surgiu quando, em meio à insônia, escutei *Christmas Canon Rock* do grupo *Trans-Siberian Orchestra*, baseado no *Cânone em Ré Maior* de Johann Pachelbel (1653 - 1706), cantado através da poderosa voz de Jennifer Cella.

(<https://www.youtube.com/watch?v=b8WVlk-iRT0>)

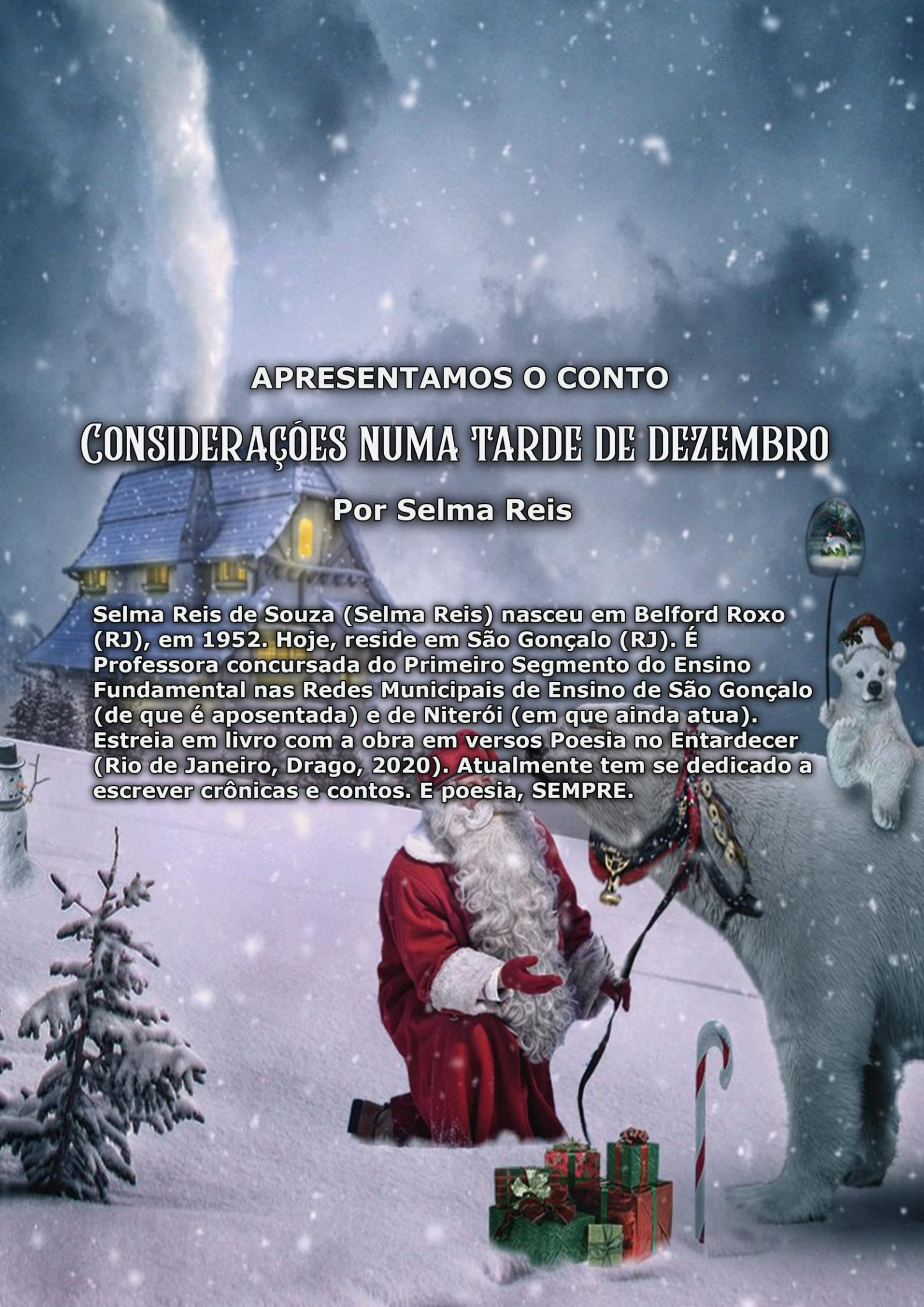


APRESENTAMOS O CONTO

CONSIDERAÇÕES NUMA TARDE DE DEZEMBRO

Por Selma Reis

Selma Reis de Souza (Selma Reis) nasceu em Belford Roxo (RJ), em 1952. Hoje, reside em São Gonçalo (RJ). É Professora concursada do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental nas Redes Municipais de Ensino de São Gonçalo (de que é aposentada) e de Niterói (em que ainda atua). Estreia em livro com a obra em versos Poesia no Entardecer (Rio de Janeiro, Drago, 2020). Atualmente tem se dedicado a escrever crônicas e contos. E poesia, SEMPRE.



Então, estava ela só e angustiada, ante a expectativa da festa máxima da Cristandade. Não era moça nem velha, apenas uma mulher triste. Com um suspiro sentido, admitiu não gostar de Natais. Trazia marcas profundas feitas a ferro e fogo por pessoas que, embora já adultas, não conseguiram captar o real significado de tal data, que não aprenderam sequer a brincar.

Inquieta e tensa, por algum tempo, circulou pela sala e quase optou por não se juntar aos outros para a confraternização. Isso implicava, porém (ela bem o sabia), privar-se da companhia dos filhos que, jovens, decerto prefeririam o borbulhar do champanhe, no ruidoso e festivo zoar, característico da idade.

Frágil, comoveu-se ao lembrar de uns olhinhos curiosos, fascinados e sonhadores. Ela os vira no dia anterior, frente a uma vitrina de uma loja de brinquedos.

Ligou a TV na esperança de espairecer. Porém, logo viu-se, escandalosamente, num supermercado, repleto de prateleiras abarrotadas de produtos. Mercadorias que, com seu minguido salário de professora, não poderia adquirir para os seus. E quem pode? Questionou. A base da gigantesca pirâmide — considerou — é constituída pela classe operária: é ela (oh, ironia!...) que gera divisas para o país.

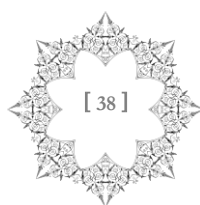
Um acorde natalino fê-la voltar à tal da confraternização. Confraternizar, esclarece o dicionário, é tratar ou conviver como irmãos.

Hummmm...

Irmãos pobres, irmãos ricos. Irmãos desiguais. Cidadãos, todos. Para uns, sol a pino, o plantio árduo, as obrigações; para outros, o regalo, a colheita farta, os direitos.

Desistiu da TV, por fim. Ligou o computador e tentou digitar um texto que, mágico, acalmasse corações. Um texto que sugerisse um entardecer, uma canção de ninar ou um poema de amor; uma mensagem eloquente, envolvente; que falasse de paz, doçura, diálogo, respeito... Comunhão... Que lembrasse Cristo, o dono da festa.

Sonhou. Ressentiu-se. Chorou!...

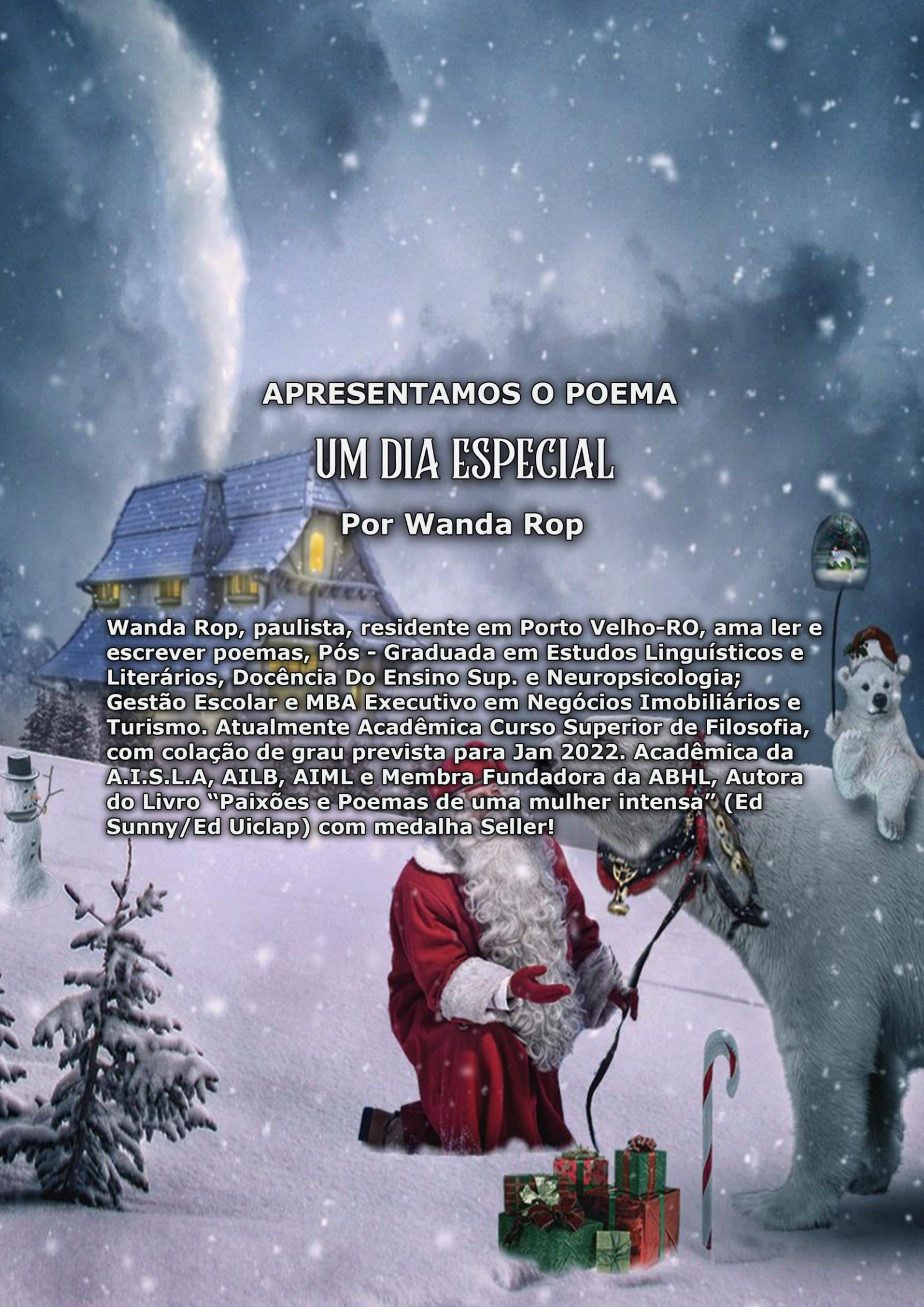


APRESENTAMOS O POEMA

UM DIA ESPECIAL

Por Wanda Rop

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós - Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Acadêmica da A.I.S.L.A, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap) com medalha Seller!



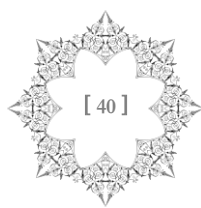
Linda noite de Natal!
O encontro tão esperado
Dia que emociona os corações
E a família se une em abraços

Desperta o melhor que há em nós
Luzes, afetos, presépios e abraços
Celebrando a beleza da vida
Nossos corações ficam encantados

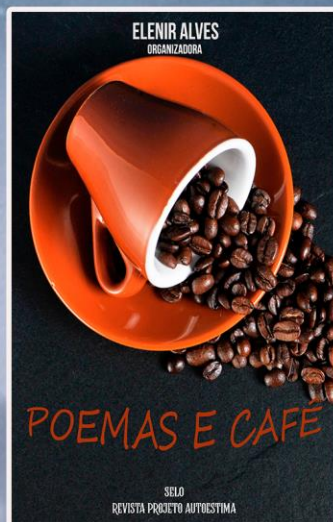
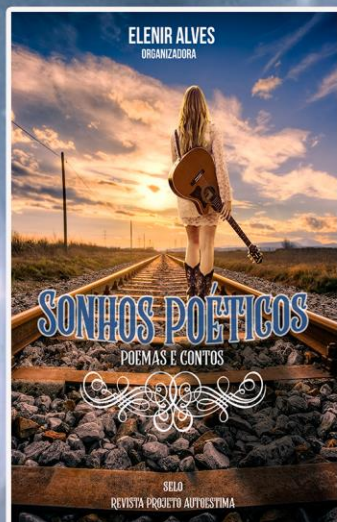
Dia também de recordação e saudade
De todos aqueles que amamos
Se existe algo maravilhoso
É o amor que celebramos!

Não como negar o espírito natalino
Que se espalha pela cidade
Enquanto as estrelas reluzem no céu
Temos vários presentes embaixo da árvore

Não devemos esquecer
Que apesar de ser tradição
O que importa não é o presente
Mas o amor que temos no coração



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

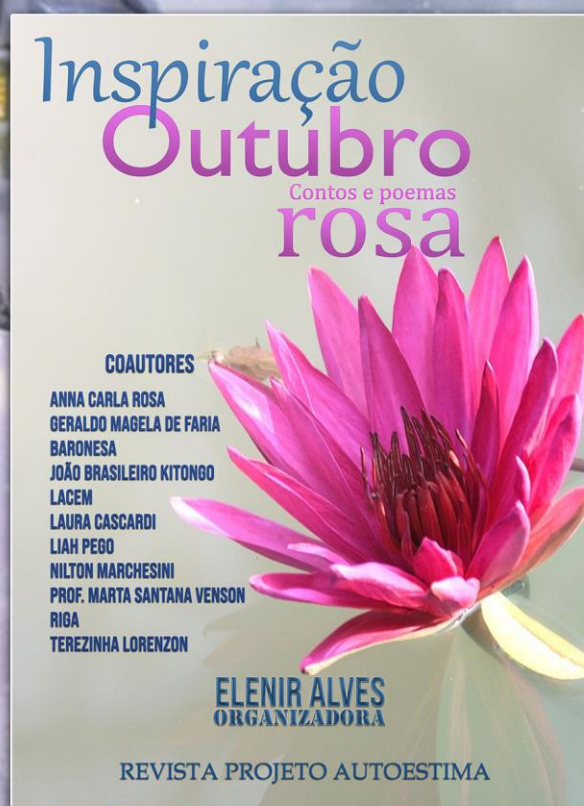
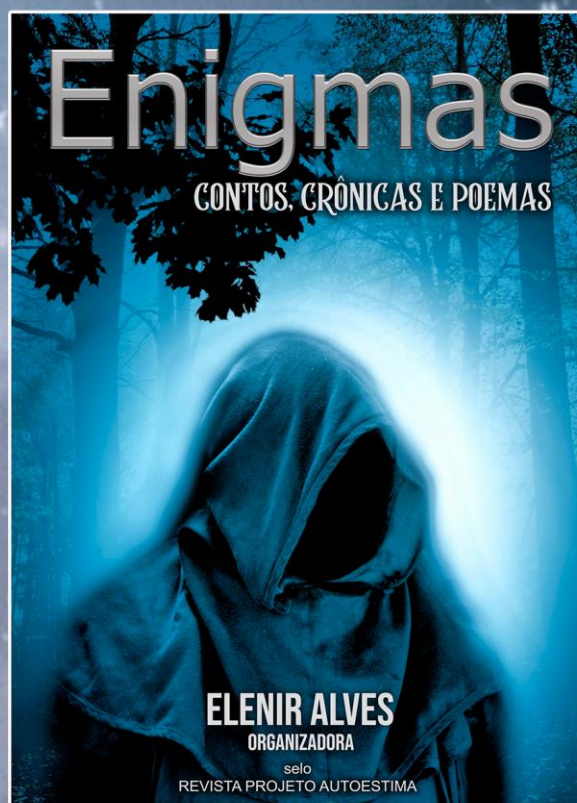
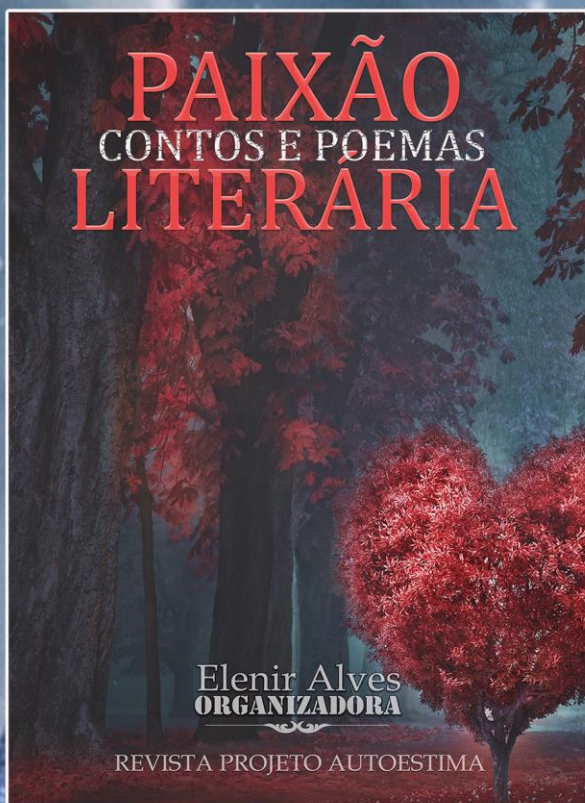
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI